

NAVEGAR É PRECISO, VIVER NÃO É PRECISO¹: O QUE ESCAPA DE UM MEME NUM RIZOMA CURRICULAR

Helena Szerwinsk de Mendonça Rocha
Universidade Estadual de Santa Catarina (Udesc)
szerwinksistema@gmail.com

Resumo

Os memes potencializaram uma tese na linha de pesquisa do *Currículo, Diferença e Educação Inclusiva* que trata de uma cartografia de tela como processo de pesquisa. A rota do estudo mudou e o caminho foi inventar pelo mar da Internet, explorando distâncias imaginárias. Perfurei imagens, montei coleções – foram modos outros de criar e habitar mundos. Escrevi em coisas a partir da noção de Ingold (2012). Nesta comunicação desloquei-me por um meme da Amazônia para exemplificar, desenhando cartograficamente, inspirado pelo verbete *Amazonialismo* de Albuquerque (2006). Naveguei com um personagem – o *inventor-navegador* – em meus processos formativos. Perfurar, na tese, foi da ordem das micropolíticas pois produziu lugares na educação maior: o menor na educação se fez com o corpo, tal qual as plantas ruderais que furam concretos. Aqui foi preciso força para poder furar uma imagem. Memes são dispositivos, impulsionando também as criações humanas. Um currículo abriu-se em navegações pelo mapa. Com este trabalho pude compreender a importância das forças intensivas para novas combinações entre amazonialismo, currículo e memes.

Palavras Chave: amazonialismo; memes, currículo, pesquisa cartográfica, educação menor

O INVENTOR-NAVEGADOR E O MAR DA INTERNET

Nesse meio de telas e de redes digitais imersej com a música, pelo mar da Internet, *para pensar que caminhos podemos trilhar a Educação pelas imagens e suas geografias*. Me intitulei *inventor-navegador*. O que restou dentro de uma tese que naufraguei, foi me perder, numa tentativa de responder a essa questão, operando uma cartografia de tela como processo de pesquisa.² Como um cartógrafo errante, criei navegações, para enfrentar uma encruzilhada civilizatória, pelo mundo digital. A música *Computadores fazem arte* (1994) do artista Chico Science me trouxe uma imagem para refletir o quanto estamos realmente rendidos pela cultura

¹ Encontrei a expressão “navegar é preciso, viver não é preciso” dentro da música *Os argonautas* de Caetano Veloso. Refleti a tese com esse paradoxo, pois procurei pelo mar da Internet navegar e viver ao meu modo de fazer pesquisa. Me joguei numa cartografia de tela.

² A pesquisa foi realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da FAED/UDESC e contou com a orientação da professora Ana Maria H. Preve e fez parte do seu projeto de pesquisa intitulado “Cartografias intensivas em educação; outros modos de fazer para outras geografias”.

tecnológica. *Computadores avançam, artistas pegam carona, cientistas criam o novo (Chico Science)*. Entendo por essa variação de imagens poéticas, como a realidade tecnicista que nos atravessa, já que dispositivos são criações humanas. Para Agamben (2005), o dispositivo se refere a qualquer coisa que possua a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos. Portanto, os dispositivos tecnológicos se tornam máquinas discursivas que materializam forças científicas, sociais e econômicas.

Neste momento-instante, por exemplo, leio em tela memes da Amazônia, perfuro suas imagens e suas geografias, enquanto sou atravessado por rios de informação que irrigam mapas pela minha escrita. Para Kastrup et. al (2015, p. 10), *eis, então, o sentido da cartografia: acompanhamentos de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizoma*. O encontro com o meme da Amazônia potencializou o processo. Pela escrita de coisas, busquei me bagunçar com artistas que, de fato, podiam impulsionar a criar com meus mundos pela cartografia de tela. Fui de Jimi Hendrix à Hélio Oiticica, passando por Porcas Borboletas e indo até Tom Zé; criando com Caetano Veloso, esbarrando em Itamar Assumpção, como processo de pesquisa. Afinal, experimentei pelo mar da Internet, a multiplicidade de referências. Emaranhei memes, teci combinações, me abrindo a novos mapas culturais e políticos. Com tudo isso pude exercitar a minha criatividade pelas diferenciadas (dis)posições de saber e poder. Inicialmente, naveguei com a noção de coisa em Ingold (2012) que representa um elemento de gênese e crescimento dos fluxos vitais e materiais. Ela me possibilitou escrever com memes, arriscando uma reunião “improvisada” em acontecimentos com meus (outros) mundos. A música é um!

A percepção do tempo-espaco variou em relação as imagens que circularam e continuam a constituir suas geografias, neste corpo-desejo de Amazônia. Procurei caminhar em rizoma, com as linguagens e identidades. Como um professor-pesquisador, reconheço que me perdi com a noção de técnica. Li memes, tentando entender como eles se abriam com o currículo. Compus também com as sonoridades dos lugares que vivi. Do meu ambiente de trabalho, muitas vezes, o meu sentir foi experimentar. Arranjar, compor, montar – foram verbos de ação inventiva que impulsionaram a pensar e refletir o meme como rizoma curricular. Pensar as referências identitárias e as influências sociais/culturais que chegavam pelos memes se tornou uma tarefa imprevisível com os processos da tese. Operei máquinas do meu (trans)ver, para reconhecer o meu próprio modo de ser, tal qual meus mundos me re-inventaram.

O *inventor-navegador* se dispôs a compor sem ter o controle do seu processo. As mídias digitais geraram em mim uma atmosfera de dúvidas, descobertas e sensibilidades. Perfurei memes da Amazônia. A cartografia de tela desenhou linhas de fuga pela música que encontrei navegando com o corpo-desejo da Amazônia. Vivi intervalos limítrofes de compreensão das imagens e palavras, mas que me levaram a (outros) mundos inventados; mundos descobertos também com o bater das “cordas” de um violão. Inventar um currículo emaranhado aos memes. Lendo em tela, o *inventor-navegador* se descolou da imagem de um pesquisador como apenas

um produtor de informações. A música foi matéria, ela surgiu para me acalmar em meio a tormentas da psiquê. Estive entregue aos instrumentos musicais que me (e)levaram ao plano. Sonoridades que busquei em navegações pelo mar da Internet. O violão ambientou versos pela escrita da tese. As imagens já não bastaram...para os estudos em navegações.

NAVEGAÇÕES PELO MAPA

As “batalhas” culturais, as identidades e os saberes-poderes, se tornaram possíveis caminhos investigativos, pelo multiculturalismo crítico e pela filosofia da diferença, segundo Silva (2003). Para curriculistas pós-críticos, novos mapas culturais e políticos (in)surgem na cultura escolar, tendo em vista as complexas características da sociedade contemporânea. *Perfuros* são produzidos para poder experimentar diferentes modos de navegar. A questão é e será o que mais vai contar como conhecimento. Trocando em miúdos, os elementos da cultura do currículo seriam, um resultado do processo de criação e interpretação social, tanto na seleção de conhecimentos quanto na organização da experiência escolar. O conteúdo do currículo seria uma construção social, para Silva (2003), pelas (dis)posições. Adentrar o campo teórico do currículo, significou tentar construir com a cultura e a linguagem. Convoquei-me as coisas do currículo, emanando fluxos vitais e materiais. Produzi “relações” das relações. Silva (2003), em relação ao que temos das materialidades do conhecimento, vai trazer o autor Jacques Derrida, que diz *as coisas são e não são*. Afinal, de que produzimos variação, ou seja, a Diferença, em modos outros de criar e habitar mundos. A que as coisas de uma tese serviriam? Para navegações pelo mapa.

O currículo nada mais é do que uma seleção de cultura, que (trans)forma com o processo de confrontação das batalhas de significações sociais e culturais, pois *o significado não está nunca definitivamente presente no significante*, já que [para Derrida] *a diferença é diferida, adiada, pois o significado está sempre mais além, mais adiante, mas esse além, evidentemente nunca chega* (SILVA, 2003, p. 121, 122). A cotidianidade de tecnologias digitais converge, (des)integra, culminando na seleção de cultura, decalcando uma sociedade em rede, entre telas e redes. Perfurei imagens e temáticas escolares que (re)tratam a Amazônia. A cotidianidade das tecnologias digitais me alargou para pensar e refletir tantas imagens da Amazônia.

A tentativa da navegação foi uma possibilidade inventiva de trabalho com a cultura de memes. Eles me pausaram, me chacoalharam; me avivaram, se tornando moduladores dos processos. A tradução desse movimento em processo se deu com a leitura deles. Todas as leituras mobilizaram problemáticas sociais, culturais, ambientais e políticas, encontradas e pensadas também com as sonoridades dos lugares em que me “esperancei”. Dediquei ao que se

extravasa, irriga curricularmente, nesta infindável biblioteca de imagens da Amazônia, pelo mar da Internet.

A produção imagética da Amazônia incidiu na leitura dos mapas, do qual me interroguei sobre a conexão entre linguagem e poder. A memória digital foi um arquivo-afetação. Sendo assim, me insurji na possibilidade de explorá-la como um currículo e(m) memes. Utilizei o portal da Google para selecionar um meme para desenhar cartograficamente com o verbete *Amazonialismo* – encontrado no dicionário analítico Uwa’kürü (2006) de Albuquerque, que designa um conjunto de leituras críticas de imagens, metáforas e palavras que descrevem a região amazônica. Busquei fazer um exercício na tese (e aqui também) com memes. Desloquei-me por um meme da Amazônia em uma rizoma curricular: *exploração ambiental*.

A encruzilhada civilizatória está lançada, ao margear curricularmente a Amazônia. Para além de uma metáfora geográfica, é uma região que cria “fissuras” com a (in)formação. Desenhei cartograficamente. O meme que movimento caminha dentro de um rizoma curricular que chamo de *exploração ambiental*. Mostro de onde vem essa ironia, leio esses “Outros” como um duplo controle técnico e político dos atores sociais – onde os grupos indígenas não foram o centro da organização social na região.

ENCONTRO COM MEMES



Figura 1 – Outros animais da Amazônia. Fonte: Portal da Google. Disponível em: <https://pt.memedroid.com/memes/latest?ts=1679081409>

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

A cobiça internacional é uma visão militar, em relação à ameaça estrangeira, na bacia amazônica, notadamente uma ideologia geográfica, que sustenta a defesa de uma visão patrimonialista do estado – quem afirma isso é o autor Reis (1972), que foi um cientista militar que ocupou importantes cargos de instituições federais, na região Norte do país. Em sua obra *Amazônia e a cobiça internacional* no que se refere ao primeiro capítulo *o mundo tropical e o empório de matérias-primas* relata Reis (1972) que o Brasil, enquanto um território de dimensão continental, prescindiria desenvolver um sistema de defesa do seu patrimônio natural e biológico contra as invasões estrangeiras. Referindo-se a sua biota terrestre, ele também compara o valor econômico da fauna e da flora, dentro da economia da floresta. De uma maneira geral, o autor afirma que a biota animal é de menor importância em relação a biota vegetal e mineral, o que podemos observar no trecho: *possamos insistir em que a fauna é menos importante, como quantidade e valor comercial* (REIS, 1972, p. 20). Está subtendido na visão de Reis (1972) que a flora representa mais do que a fauna, que tanto os recursos vegetais quanto os recursos minerais teriam maior quantidade e valor comercial.

Esta visão militar é uma concessão “velada” que fideliza interesses estrangeiros ao meu (trans)ver. O que me escapa nesse meme e se embarça num rizoma curricular é em relação ao histórico de conflitos por terras na Amazônia, do qual os recursos naturais estariam num empório de matérias-primas, o que significaria uma exploração econômica *ad finitum* na Amazônia. Uma das possíveis imagens mentais para os mercadores da natureza. Inclusive, este ponto de vista de Reis (1972) se mistura ao título do meme: *que a europa e o estados unidos querem cuidar*. Primeiro porque suscita imaginários de uma proteção ambiental em relação aos países do Norte Global que historicamente realizaram invasões territoriais na América, o que se faz dissonante e em contrassenso ao sentido do verbo “cuidar” no título. Este deslocamento do significante mascara a imagem das potências mundiais, como países protetores e não como países exploradores. Governar, então, seria o caso de aceitar que países estrangeiros cuidem de recursos naturais? A leitura desse meme coloca em jogo uma polissemia entre cultura e geopolítica. Segundo porque neste meme a menção ao termo “animais” ao invés de minerais causa no leitor uma inversão de sentidos vendo o petróleo, o ouro e as pedras preciosas como animais. Neste meme, há uma quebra de previsibilidade.

Digerindo essa realidade aumentada, o que escapa, em relação aos animais da amazônia, é que se forja um complexo de estigmatização dos recursos naturais. Isso tece um cultivo em nossa curiosidade, já que esse rizoma curricular vem nomear riquezas, como produtos disponíveis, o que significa territorializar, criando ainda mais significados para as imagens que não temos. Uma coisa que extravasa neste meme é que a exploração ambiental, enquanto um rizoma curricular, reúne um paradoxo visual de práticas econômicas que desenham seus (e)feitos ambientais na Amazônia Brasileira. Isso nutre a invisibilização dos atores sociais. Alguns embarçados de memes se amarram na realidade em outras compreensões possíveis para o currículo. Criar com memes se torna uma reunião “sempre” improvisada. Fronteiras disciplinares que são movimentadas em uma leitura compartilhada.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

EM COMBINAÇÕES (NÃO TÃO) FINAIS

Os processos da cartografia de tela foram atravessamentos pelas identidades, culturas e linguagens – o que têm fortalecido perfurar imagens para compor currículos. A cultura de memes vem possibilitando o desenho de novos mapas culturais e políticos, enriquecendo os processos formativos. Depois que vira meme é uma ode coisística para as incertezas que atravessam o campo da Educação, como navegar pelo mar da Internet, numa pesquisa de conteúdos digitais.

A Amazônia, talvez seja a região “caleidoscópico” do mundo. É uma região intensamente lida com novas “lentes”, informações e (cons)ciências. Entendo nesse sentido que qualquer dispositivo tecnológico que pesquisa e navega, pelo mar da Internet, perfura imagens em mil platôs.

O meme não é capaz de findar as problemáticas humanas e nem explicar os rizomas curriculares produzidos pelos diversos sujeitos socioculturais e seus artefatos tecnológicos. No entanto, o agir e o pensar sobre as imagens e suas geografias, me levou a compor um *inventor-navegador* que se autoproduziu em deslocamento com os memes que encontrou.

A criatividade segue livremente pela plasticidade cognitiva que é moldada também por meio de aplicativos, programas e funcionalidades das tecnologias digitais. Perfurar imagens de qualquer assunto e/ou tema que retrata a Amazônia me impulsionou com forças intensivas para novas combinações. *Navegar é preciso, viver não é preciso*: o que escapa de um meme num rizoma curricular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giordano. *O que é um dispositivo?*. Revista Outra Travessia: da Pós-graduação em Literatura, Florianópolis, nº 5, p 9-16, 2005.

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. *Amazonialismo*. In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; PACHECO, Agenor Sarraf (Orgs.). *Uwa'kürü: dicionário analítico*. Rio Branco: Nepan, 2016.

INGOLD, TIM. *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais*. Revista Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 18, nº37, p 25-44, jan/jun. 2012.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCOSIA, Liliana. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção da subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. *A Amazônia e a cobiça internacional*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1972.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documento de Identidade: uma introdução às teorias de currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.